

Análise de Conteúdo – Entrevista nº 1¹

| Dimensões | Sub-dimensões | D. Nazaré ² |
|----------------------|-------------------------------------|--|
| A) Perfil Individual | ▪ Características sócio-biográficas | <p>→ 74 anos</p> <p>→ Viúva</p> <p>→ Escolaridade – 2ª classe (frequentou até aos 12 anos)</p> <p>→ Católica praticante</p> <p>→ Residente em S. Romão / Concelho de Armamar (Beira Alta)</p> <p>→ Proveniente de família numerosa (oito filhos)</p> <p>→ Começou a trabalhar no campo desde pequena com os pais e irmãos</p> <p>→ Casou com 17 anos pela Igreja</p> <p>→ Seis filhos homens + uma filha do primeiro casamento do marido, que trata por sobrinha</p> <p>→ Todos os filhos andaram na escola até à 4ª classe: “Os meus filhos andaram todos na escola, não aprenderam mais porque não quiseram, porque dantes também não havia estes estudos, era só para os mais ricos.”; Todos eles só deram a 4ª classe, lá se desenrascam.”</p> <p>→ Actualmente reside sozinha, os filhos encontram-se todos a residir em Lisboa</p> |

¹ Entrevista realizada a 20 de Maio de 2008, na aldeia de S. Romão, Concelho de Armamar, distrito de Viseu.

² Nome fictício para preservar a identidade da inquirida e não ferir susceptibilidades.

| | | |
|---|---|--|
| <p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p> | <p>▪ Experiências / Práticas</p> | <p>ao médico, mas não tinha melhoras e eu disse-lhe “Atão vai buscar a faca que eu vou-te atalhar.”;</p> <p>“Um dia, estava em casa e cheguei lá a minha comadre Delfina “Oh comadre, sabe atalhar à zona? O meu Domingos tem as costas cheias de frunchos, dizem que é a zona.”, e eu disse assim “Quem é que foi que te disse que eu sei atalhar à zona?”, “Oh, lembrou-me, como você já é assim uma mulher de idade, lembrei-me que soubesse.”, vou assim “Eu sei.” e lá fui. Logo da primeira vez que lhe atalhei, começou a ficar bom e ficou a murchar.”;</p> <p>“O meu Zé Manel foi p’ra Serra do Gerês, andaram para cima lá daquelas fragas e diz-me a minha nora “Olhe, entregue-se do seu filho e cure-o.”, “Mas como é que tu sabes que eu sei curar o meu filho?”. Mostrou-me a mão e estava inchada por aqui cima, aquilo foi cobra, poisou a mão conforme andou por aquelas fragas em sítio onde cobra passou e ficou com ela na mão. Em três dias também o curei.”;</p> <p>“Noutro dia foi lá a Rita a mancar, já fui ao Marco, filho da minha sobrinha Gracinda, já fui à mulher do Suíço, já fui ao meu sobrinho Toninho... já tenho andado assim nisso... parece que as pessoas até adivinham!”;</p> <p>“Quando a Birita deu aquele tombo, estive muito mal e mandou-me chamar lá, disse que era o peito aberto. Já tinha cosido o pé, agora o peito não, mas lá o cosi, ela diz que se encontrou bem.”;</p> <p>“As criancinhas iam lá a minha casa e eu não dizia que não, o filho da Clara ia mesmo parecia morto e ao outro dia ia lavar para a Referta e ele já ia todo contente aos pulos com a mãe, até fiquei admirada!”;</p> <p>“Eu também ainda sei defumar, já defumei o filho da Natividade, o Nuno. Deita-se muita coisa, alecrim, oliveira, ruda, aipo, sal e azeite, eu como não tenho mais outra coisa, só ponho o alecrim, a oliveira e um bocadinho de ramo bento, benzido (se tiver), umas areiazinhas de sal e o azeite.”;</p> <p>“Dantes, quando as criancinhas iam para o baptismo, para a água, dávamos-lhes banhinho, vestíamos-las com a roupinha que haviam de levar e eram defumadas, o que é era só uma vez, para irem defumadas para a igreja. Isto era para tirar o ar, se fossem baptizados, se fossem para a pia</p> |
|---|---|--|

| | | |
|---|--|---|
| <p>B) A Utilização da Medicina Tradicional</p> | <p>▪ Experiências / Práticas</p> | <p>com o ar já não tinha cura. Agora já não há nada disso, mas aqui em S. Romão eu ainda defumei muitas crianças para irem para a pia também.”;</p> <p>“Quando os meus filhos estavam doentes, que eu via que era doença que pudesse curar, ou ia à minha mãe ou fazia eu, mas ia mais à minha mãe. Quando via que eram coisas que não podia curar, também ia aos médicos, ia governar a vida como aos outros.”;</p> <p>“... a Sr.^a Júlia, porque a cadela dela trazia uma coceira, coçava-se muito, até arrancava a carne com os dentes, e peguei e disse “Ah Sr.^a Júlia, eu vou amassar um bocadinho de azeite com enxofre e vou untar a cadela, p’ra tirar essa comichão.”. Agarrei, cheguei a casa, botei um pouco de azeite numa malga e um bocado de enxofre, fiz assim tudo à moda de uma pomadinha, fui lá e deitei-lhe, esfreguei a cadela com aquilo. A cadela, ao outro dia, estava melhor, mas ela para não dar o braço a torcer, levou-a p’ró veterinário, mas quem a curou fui eu e ela ao fim ainda foi falar p’rós outros que a cadela andava com uma grande comichão e que foi ao veterinário, gastou seis contos... mas ela já foi curada, já não tinha comichão nenhuma, já até as feridas estavam a secar.”;</p> <p>“Tenho curado muita gente, o filho da Maria, o Valter, a Tininha, o filho do Amadeu, o da Rosária... ainda há cá muita criança cá em S. Romão. Eu alembra-me deles!”.</p> |
| <p>C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria</p> | <p>▪ Destinatários / Quem: Como</p> | <p>→ A sobrinha Gracinda: “Eu fui uma vez à minha sobrinha Gracinda e ela estava metida na cama com a zona, disse que foi ao médico, mas não tinha melhoras e eu disse-lhe “Atão vai buscar a faca que eu vou-te atalhar.”. Fui lá três vezes e depois ela aprendeu, escreveu num papel e disse que não valia a pena ir lá cansar-me mais... mas também já estava a murchar.”;</p> <p>→ A nora: “A minha nora ficou espantada e quis logo aprender, agora, às vezes, quando lhe acontece mesmo, faz ela, já aprendeu!”</p> <p>→ Alguns vizinhos: “Os vizinhos costumam-me procurar para me pedirem estas coisas e também já ensinei muitos, quando eles pedem que lhes ensine, isto não pode nem deve morrer comigo, é</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria</p> | <p>▪ A importância / Valor atribuído pelos outros</p> | <p>bom que cá fique sempre alguém para ajudar os outros, mas também já tive uma que me tratou mal.”</p> <p>“Um dia, estava em casa e chegou lá a minha comadre Delfina “Oh comadre, sabe atalhar à zona? O meu Domingos tem as costas cheias de frunchos, dizem que é a zona.”, e eu disse assim “Quem é que foi que te disse que eu sei atalhar à zona?”, “Oh, lembrou-me, <u>como você já é assim uma mulher de idade</u>, lembrei-me que soubesse.”, vou assim “Eu sei.” e lá fui. Logo da primeira vez que lhe atalhei, começou a ficar bom e ficou a murchar. <u>Ela ficou tão contente, disse que não sabia como me agradecer.</u>”;</p> <p>“A minha nora <u>ficou espantada e quis logo aprender...</u>”; “já tenho andado assim nisto... <u>parece que as pessoas até adivinham!</u>”;</p> <p>“A Lurdes da Lameira, uma ocasião disse-me “Ah, <u>you é uma bruxa.</u>” E eu comecei a pensar, atã ando aqui a fazer bem às crianças e ainda me chamam de bruxa... eu deixei de fazer.”;</p> <p>“<u>Os meus filhos não aprenderam nada disto comigo, são rapazes...</u>”; “<u>Se eu tivesse tido raparigas... agora assim rapazes...</u> e ao despois saíram cedo de casa.”;</p> <p>“Despois, uma vez até me confessei ao padre... Então o padre disse para não deixar ir as criancinhas sem esse jeitinho, para não querer saber do que dizem, mas para não rezar eu as Ave-Marias, para mandar rezar as mães que são as que têm obrigação. Ele mandou-me fazer isso, porque <u>ele viu que não era coisa de bruxedo, que eu só quero ajudar e fazer o bem.</u>”;</p> <p>“Agora, <u>os mais novos, já não usam, já nem querem crer em nada destas coisas.</u>”.</p> |
|---|--|---|